

## “Sobre escrever”: como Joan Didion explora os dilemas do narrar em “Rastejando até Belém” e “Vou te dizer o que penso”<sup>1</sup>

Isadora Mendes PINHEIRO<sup>2</sup>

Nuno MANNA Nunes Cortês Ribeiro<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG

### Resumo

Este trabalho consiste num estudo acerca do narrar sobre si e sobre o ato de narrar, na obra da escritora e jornalista norte-americana Joan Didion, desenvolvido dentro do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade, Narra, e com vínculo bolsista ao PET Conexões e Saberes Educomunicação. São articulados conceitos de narrativa, narrador, leitor, saberes e “olhares narrativizantes”, em textos selecionados dos livros “Rastejando até Belém”, a primeira coletânea de ensaios da autora, de 1968, e “Vou te dizer o que penso”, sua última coletânea publicada, de 2021. A análise demonstrou que sua visão sobre o que a levava a escrever, apesar de ainda ser dotada de certo mistério, foi de encontro a ideias já propostas por filósofos clássicos e pensadores contemporâneos da literatura, história, e da narrativa.

### Palavras-chave

Joan Didion; Narrativa; Narrar sobre si; Escrita

## 1. INTRODUÇÃO

A alegria da escrita.  
O poder de preservar.  
A vingança da mão mortal.  
(SZYMBORSKA, 2011)

Diários, cadernos de anotações, bilhetes deixados na cômoda, entrevistas ou cartas de aniversário; a narrativa de espaços e personagens é característica dos mais diversos gêneros textuais, porém o narrar sobre si é também um exercício de percepção e proporção de sentido para e pelo autor. Nesta introdução buscaremos traçar bases conceituais para então desenvolver uma articulação entre conceitos e objeto selecionado, buscando responder como a escritora norte-americana Joan Didion, ao narrar sobre si e sua escrita, lançou luz sobre os dilemas da narrativa.

Dentro de um texto escrito por Didion permeiam diversos fatores e características determinantes para que o texto seja o que é, e seja lido por quem o lê. Trata-se de um texto escrito por uma mulher branca, nascida nos anos 30, no oeste dos Estados Unidos, que produziu sua obra original em língua inglesa. Sua escrita, associada ou não ao ofício jornalístico, era inevitavelmente atravessada por questões políticas, de gênero, de crises,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FAGED-UFU, email: [isadora.pinheiro@ufu.br](mailto:isadora.pinheiro@ufu.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho, Professor do curso de Jornalismo FAGED-UFU, email: [nunomanna@ufu.br](mailto:nunomanna@ufu.br)

---

e claro, enquanto escritora, questões pessoais. Tendo em vista a ampla gama de fatores envolvidos na narrativa produzida por ela, este trabalho se propõe a analisar em especial a narrativa sobre si e sobre o ato de escrever, do qual ela explorou em diversos momentos ao longo de toda sua carreira.

Essa narração pessoal pode ser produzida por consequência de uma pergunta ou pedido, ou manifestação individual, mas, como expressado por Umberto Eco, nunca é vazia de contexto e condições de interpretação para o leitor, em intenções abertas ou atravessadas pelo não-dito, “entremeado de espaços brancos” (ECO, 1979). Assim, relatos pessoais, de experiências ou sobre o indivíduo, existem à medida que suas lacunas textuais deixadas pelo autor, são preenchidas de significados por seus leitores. Aqui, a narrativa sobre si é entendida como uma faceta do relato sobre si, exposto e discutido pela filósofa e teórica de gênero, Judith Butler. No terceiro capítulo da primeira seção de “Relatar a si mesmo - Crítica da violência ética” (BUTLER, 2015), Butler, ao traçar um panorama teórico em busca de compreender o porquê relatamos a nós mesmos, cita a filósofa italiana Adriana Cavarero para mergulhar na teoria do reconhecimento. Relatar a si mesmo implica o reconhecimento de si, a responsabilidade da própria narrativa e a opacidade do autoconhecimento, no qual Cavarero destaca a ação do “tu”.

Cavarero argumenta que somos seres que, por necessidade, têm sua vulnerabilidade e singularidade expostas aos outros, e que nossa situação política consiste parcialmente em aprender a melhor maneira de manejar – e honrar – essa exposição constante e necessária. [...] Eu existo em um sentido importante para o tu e em virtude do tu. Se perco as condições de interpelação é porque não tenho um “tu” a quem interpelar, e assim também perco “eu mesma”. Para ela, só se pode contar uma autobiografia para o outro, e só se pode fazer referência a um “eu” em relação a um “tu”: sem o “tu”, minha própria narrativa torna-se impossível. (BUTLER, 2018, p. 38)

Percebe-se, então, a valorização do “tu” e mais especificamente, no caso de Umberto Eco e de Joan Didion, o sujeito leitor.

Neste sentido, onde é traçada uma relação umbilical entre o escrever e o ler, e portanto a ação comunicativa de narrar, faz-se indispensável demarcar o que está sendo entendido por narrativa neste estudo. Ora relacionada à tipologias textuais e métodos de contar histórias, ou mesmo associada às noções de ficção, a narrativa foi vista sob óticas diferentes por múltiplos autores ao longo da história. Num viés moderno, Walter Benjamin (1987), considera o narrar como a “faculdade de intercambiar experiências”, e em crítica ao modelo produtivo que busca utilizar a narrativa para fins lucrativos, comenta: “quase nada que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço

---

da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações.” (BENJAMIN, 1987, pg. 203). Bebendo das perspectivas benjaminianas, em linhas mais contemporâneas, a narrativa é compreendida como figura de historicidade e mediação do tempo histórico, uma articulação e ordenação das experiências no tempo (LEAL, 2006). É possível concluir, então, que narrativas são produzidas por diversas formas e meios, porém, a face textual da narrativa -mais especificamente, a escrita- é o que move este trabalho.

Aqui, faz-se indispensável destacar que Joan Didion usou as palavras “narrar” ou “narrativa” poucas vezes na mostra selecionada de sua obra, o que ela sempre ressalta e comenta é sobre sua escrita; disse “Tudo o que eu sabia, naquela época, era o que eu não era, e levei alguns anos para descobrir o que eu era. Eu era uma escritora. “(DIDION, 2023, p.46). As perspectivas de Joan Didion sobre sua própria escrita chamam a atenção para as reflexões acerca da narrativa; narrar sobre si, sobre narrar, ver, ouvir, e ser enquanto sujeito escritor. Visto posto, partindo da primeira e da última coletânea de ensaios publicadas de Joan Didion, dos artigos e textos que dizem sobre ela, e de uma bibliografia pautada nos estudos de narrativa, de narrar sobre si, e narrar sobre a escrita, o presente trabalho se sustenta.

## 2. SOBRE A NARRADORA

A escritora dos instantes normais (TALLÓN, 2021). Que pôs o coração num saco (GARCIA, 2021). Uma das jornalistas que fizeram da opinião uma arte (DEAN, 2018). A mulher que restou (BRUM, 2012). Os comentários e adjetivos destinados a Joan Didion são tão enigmáticos quanto precisos.

Joan Didion foi uma escritora e jornalista norte-americana, nascida em Sacramento, Califórnia, no ano de 1934. Conhecida por seus cadernos de anotações, ela conta no documentário dirigido por seu sobrinho, Griffin Dunne, *Joan Didion: The Center Will not Hold* (DUNNE, 2017), que ganhou seu primeiro ainda com quatro anos; sua mãe queria que escrevesse sobre seu dia, ao invés de fazer bagunça. Diz que sua primeira história foi a de uma mulher que acorda em pânico na Antártida, temendo morrer de frio, mas que logo percebe que na verdade estava em um deserto, e provavelmente irá morrer de calor antes da hora do almoço. Dali pra frente, seus cadernos se tornaram partes do seu cotidiano. Ingressou na faculdade, escreveu seu primeiro romance juntando páginas que rascunhava e colava pelas paredes - que, também segundo ela mesma, foi lido por no máximo dez pessoas. Venceu um concurso da Revista Vogue, onde seria contemplada com uma viagem a Paris, mas pediu para trocar por um emprego no veículo.

Oficialmente empregada e após passar por funções menores dentro da redação, teve de substituir um dos colunistas e acabou tendo o artigo “Self-respect, it’s source, it’s power”, traduzido para “Sobre amor-próprio”<sup>4</sup> (1961) na chamada da capa de uma das edições. Esse artigo foi um pontapé inicial, que logo demonstrou a postura de Joan enquanto jornalista: olharia o mundo de ângulos pouco explorados, e assim o escreveria.

“Sobre o amor-próprio” se estabeleceu como um marco na carreira de Didion por sua inovação dentro do gênero de revistas femininas -assim chamadas por terem ditado por décadas como mulheres devem se portar -, mas também, por deixar pistas de como seria a postura e o estilo da escrita da californiana. O texto, que posteriormente foi compilado junto de outros ensaios na coletânea “Rastejando até Belém” (1968), põe o amor próprio como um ato de coragem, uma perda de inocência, o movimento de voltar seu olhar para si e se responsabilizar pela sua própria vida. Sem objetivos de auto-ajuda, a autora elabora sua concepção enquanto demonstra muita segurança e confiança na sua escrita.



Figura 1: Primeiras páginas do artigo original publicado na Revista Vogue. (Fonte: Vogue Magazine) Casou-se com o também escritor Jonh Gregory Dunne, e adotaram uma criança, Quintana Roo. Juntos, mudaram de cidade várias vezes, e trabalharam nos mais diversos

<sup>4</sup> Artigo publicado na edição de 1 de agosto de 1961 da Revista Vogue, hoje recuperado e disponibilizado no site da revista. Disponível em: <https://archive.vogue.com/article/1961/8/self-respect-its-source-its-power>

textos, livros, peças de teatro e roteiros de cinema. A carreira de Didion não é linear, trabalhou de forma fixa em revistas, mas também enviava seus textos para vários editores de outros veículos impressos - atualmente, o chamado *freelancer*. Diz inclusive que não tinha muito controle sobre esses, mas por parecerem mais testes de sua escrita, não se importava e nem chegou a colocá-los em suas coletâneas. Entre tantos trabalhos, os marcos de Joan Didion são suas coletâneas de ensaios, principalmente “Rastejando até Belém”(1968) e “O álbum Branco” (1979), e o livro que, por tristes razões, a destacou para todo o mundo: “O ano de pensamento Mágico” de 2005. Talvez o mais predominantemente pessoal de sua carreira, o livro é uma mistura de relato com diário do ano que se seguiu para Didion após a morte de seu marido, que sofreu um infarto enquanto estava sentado na mesa de jantar. A temática delicada é o que chama atenção para a obra, e a narrativa é o que levou muitos novos leitores a quererem conhecer outros trabalhos da autora.

Sua voz e estilo demoraram a ser estabelecidos, comenta a jornalista e crítica literária Michelle Dean em “Afiadas: As mulheres que fizeram da opinião uma arte” (2018), livro dedicado a contar e analisar a trajetória de quatorze célebres escritoras que “transformaram o cenário das letras e da cultura do século XX”. Seus textos eram dotados de autoconsciência e uma seleção meticulosa do que era e não era revelado sobre sua vida íntima; a crítica destaca suas técnicas, recursos, e referindo-se também à escritora norte-americana Susan Sontag, afirma que as duas são “donas de um estilo impecável e cujas ideias e observações nunca estariam à altura e beleza de sua prosa”.

Esse estilo autoconsciente, no qual um assunto íntimo é tratado com certo distanciamento, ia se tornar marca de Didion. Mesmo quando escrevia sobre algo tão pessoal quanto seu divórcio, ela removía o tema do contexto, resolvia-o em suas mãos e polia até que seu brilho ocultasse a certa aspereza que residia em seu interior. (DEAN, 2018, p.257)

Mesmo os textos que foram feitos “apenas para pagar as contas” possuem um modo de narrar que passa a urgência de Didion pelo ato de escrever. Em “O Álbum Branco” (1979), ela diz:

Contamos histórias para poder viver [...] Buscamos o sermão no suicídio, a lição social ou moral no assassinato de cinco. Interpretamos o que vemos, selecionamos o que funciona melhor entre múltiplas escolhas. Vivemos, sobretudo se somos escritores, pela imposição de uma linha narrativa para imagens discrepantes, pelas ‘ideias’ com as quais aprendemos a congelar a fantasmagoria que constitui nossa experiência real (DIDION, 2021, p. 11)

Descrita frequentemente como uma mulher séria, em “Sobre o amor próprio” Didion diz que recebeu um conselho de um método para parar de chorar, ainda muito jovem, que consistia em enfiar a cabeça num saco. Apesar de haverem razões científicas para isso funcionar, acabou se tornando uma metáfora para o estilo de vida da escritora, descrita como “A mulher que pôs um coração num saco”<sup>5</sup> em um artigo da Revista Vogue que intercala em contações de histórias de sua vida, com falas e citações da californiana. Metáforas como essa reaparecem em alguns de seus textos, e reiteram essa postura distanciada e pragmática da escritora.



Figura 2: J.J.Q: Joan, John e Quintana fotografados por Julian Wasser. Reprodução: Netflix  
Joan conta, no documentário, que teve vários momentos jornalísticos de “ouro”

em sua trajetória -no qual ela percebia de instantâneo a noticiabilidade e relevância de se falar sobre aquele fato-, muito por conta do seu círculo social e presença em vários momentos emblemáticos da história dos Estados Unidos. Mesmo Griffin Dunne, seu sobrinho e portanto pessoa próxima, manifestou para o *The Guardian*<sup>6</sup> preocupação sobre o que contar à respeito da tia em seu filme, em tradução nossa, “O desafio foi o que eu posso dizer ou mostrar, que ela já não tenha escrito?”. Elegante, autoconsciente, sólida, crítica; outrora presunçosa, melancólica e moralista. São alguns dos adjetivos usados por críticos e outros escritores acerca da obra de Didion, apresentadas no capítulo 10 de *Afiadas* (2018), que detém seu nome no título.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.vogue.pt/joan-didion-a-mulher-que-pos-o-cora-o-num-saco>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/oct/25/joan-didion-center-will-not-hold-netflix-documentary>

---

Ainda quanto a sua recepção pelos críticos, inevitavelmente, sendo uma escritora de altas vendas, também recebeu críticas negativas. O crítico literário norte-americano Stephen Metcalf, em crítica a “O ano do Pensamento Mágico” no podcast *Slate Audio Book Club*<sup>7</sup> em 2006, disse, em tradução nossa, que “existem alguns livros que não deveriam ser escritos por um hábito -o hábito da escrita. Esse foi um livro escrito por um hábito.”. Em réplica a esse comentário, a crítica Caitlin Flanagan, em um artigo para a *The Atlantic*<sup>8</sup> em 2012, comenta que a prosa de Didion é especialmente cativante e transformadora para o público feminino, e que é justamente isso que a diferenciou e destacou no meio. “Ela era o nosso Hunter Thompson, e o livro *Slouching Towards Bethlehem* era o nosso *Fear and Loathing in Las Vegas*. Ele deu aos rapazes sacanas e shots de tequilla; ela deu-nos dias sossegados em Malibu e flores no cabelo.” (FLANAGAN, 2012).

Tal pontuação corrobora para a questão de que o fato de ser uma mulher falando majoritariamente com mulheres foi decisivo na obra de Joan Didion, bem como na de muitas escritoras. As análises e críticas feitas à obra, e mesmo a vida pessoal, de Joan Didion tendem a abordar a implacável e fundadora presença do leitor no processo narrativo. As noções de sentido podem ser exploradas de forma teórica nas duas instâncias, autor e leitor, e são evidenciadas por Didion em seus escritos.

### 3. SOBRE ESCREVER

Um escritor costuma escrever por quatro motivos: puro egoísmo, entusiasmo estético, impulso histórico, ou um propósito político. Foi o que disse George Orwell, pseudônimo do escritor e jornalista inglês Eric Blair, em seu ensaio “*Why i write*” - “Porque escrevo” em tradução nossa- (ORWELL, 1946). “Roubando” assumidamente o título, Joan Didion escreveu a sua versão, bebendo um pouco do que foi defendido por Orwell, e somando às suas características e vivências. A progressão dos ensaios é semelhante, os autores contam um pouco de sua jornada na escrita; como começaram, que desafios tiveram, e em que momento se encontraram no seu nicho -Orwell na arte e ficção de cunho político, e Didion nos ensaios.

---

<sup>7</sup> Disponível em:

[https://www.slate.com/articles/arts/the\\_audio\\_book\\_club/2006/03/introducing\\_the\\_slate\\_audio\\_book\\_club.html](https://www.slate.com/articles/arts/the_audio_book_club/2006/03/introducing_the_slate_audio_book_club.html)

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2012/01/the-autumn-of-joan-didion/308851/>

---

Muito antes de se propor a escrever especificamente um ensaio sobre o que a leva a escrever, Didion já faz reflexões e outras menções a outros “porquês” do narrar. Em “Rastejando até Belém” (2021), sua primeira coletânea de ensaios publicada originalmente em 1968, o texto “Sobre Amor próprio”, explorado na seção anterior deste artigo, abre a seção de textos pessoais, e é seguido de “Sobre ter um caderno”, onde a autora discorre sobre a ação de ter um caderno de anotações para seu cotidiano, e o que isso significa numa dimensão maior. Nesse texto Joan traça uma linha de raciocínio pautado de fato no objeto do caderno e na significância que ele carrega. Para ela, manter um caderno pode ter muitas funções e dizer muito sobre quem o possui; no subtexto da fala “manter contato com seus eus do passado” existem conceitos de memória e esquecimento veementes, do qual Didion parecia lutar.

Por que escrevi isso? Para me lembrar, é claro, mas de que exatamente eu queria me lembrar? Em que medida isso realmente aconteceu? Em alguma medida? Por que guardo um caderno? É fácil agente se enganar sobre todos esses registros. O impulso de tomar nota das coisas é peculiarmente compulsivo, inexplicável para quem dele não compartilha, é útil apenas de maneira acidental, secundária, da maneira como qualquer compulsão tenta se justificar. [...] Quem tem cadernos secretos é de uma espécie completamente diferente, são pessoas solitárias e resistentes, sempre querendo reordenar as coisas, descontentes ansiosas, crianças que aparentemente quando nasceram se afligiram com algum pressentimento de perda. (DIDION, 2021, p. 114)

Ao se perguntar sobre a utilidade de se fazer registros em um caderno, Didion ponderou sobre a ação de gerar sentido e articular experiências no tempo histórico, anteriormente citada pela obra de Bruno Leal (2006), e revisitado por Nuno Manna (2020), que questiona as dimensões e ações nos processos comunicacionais envolvidos dentro das narrativas . “Quando narramos, geramos consequencialidade da consecutividade, e configuração da sucessão.” (MANNA, 2020).

A seção “Pessoais” de Rastejando até Belém possui outros textos que exploram, ainda que de forma indireta, os questionamentos da autora sobre seus escritos. Em “Sobre o amor próprio”, reitera a dificuldade que é encontrada na ação de voltar-se a si mesmo - bem como de escrever sobre si mesmo. Em “Sobre voltar pra casa”, de 1967, narra as implicações e dificuldades de voltar para a casa onde cresceu, ação rodeada de certo romantismo literário por conta da jornada que era sair de casa nos anos 50, mas também a importância do ato de contar uma história feliz para sua filha no dia de seu aniversário. Em síntese, sua primeira coletânea traz menções e trechos entremeados do corpo de textos íntimos, e a escrita é tema mais evidente no primeiro texto da seção. Em determinado



---

momento de “Sobre um caderno” ela antecipa o pensamento que seria central no texto “Por que escrevo?”: a noção da ação de escrever como um ato individualista, o “eu” como uma base.

E é o que fazemos. Mas nossos cadernos nos revelam, por mais respeitosos que sejam os registros do que vemos ao nosso redor, que o denominador comum de tudo o que vemos é sempre, de forma transparente e desavergonhada, o implacável “eu”. (DIDION, 2023, p. 117)

Publicado nos Estados Unidos quase cinquenta anos depois, *Let Me Tell You What I Mean* (2021) - no Brasil, “Vou te dizer o que penso” (2023) - surge como a última coletânea publicada da obra de Didion, meses antes de seu falecimento. A reunião de doze textos produzidos entre os anos de 1968 e 2000 parece justamente uma espécie de celebração da carreira de Didion, e do caráter pessoal, opinativo, e bem posicionado, veementemente salientado pela mídia e crítica no momento.

Na coletânea, está presente o texto “Why i write? [Por que escrevo?]”, que, apesar da publicação tardia do livro, foi um artigo escrito em 1976. A principal diferença do texto de Didion para sua inspiração é que a californiana despendeu um pouco mais de tempo no primeiro dos quatro motivos citados no início desta seção. Didion começa seu texto explicando o roubo do título: por gostar da repetição do som “i”, “eu” em português, na frase *Why i write*, “i, i, i” [eu, eu, eu]. Isso é relevante uma vez que o primeiro ponto de Didion é que escrever é um ato narcisístico, uma imposição do seu ponto de vista sobre quem te lê. Nesta perspectiva, a ideia de Didion sobre seu ofício - e hábito - vai de encontro à urgência de ter sua vulnerabilidade exposta ao “tu”, comentada por Cavarero e Butler, mas também às noções de interpelação (confrontar alguém com uma pergunta) pautadas na moralidade de Nietzsche, também explicada por Butler em seu livro, no qual um relato sobre si nasce a partir de uma interpelação moral, em que o sujeito é forçado a “se explicar”. Tais possibilidades sobre o que leva alguém a produzir um relato de si também podem ser postas em análise na reflexão de o que leva alguém a escrever. “Escrever é, em muitos aspectos, o ato de dizer “eu”, de se impor em relação a outras pessoas, de dizer me escute, olhe para isso do meu jeito, mude de ideia” (DIDION, 2023)

Didion parece ter uma necessidade inerente de configurar cenas em palavras. Ainda em “Por que escrevo?”, ela diz despreziosamente a frase “Deixe-me lhe mostrar o que quero dizer”; frase similar ao título do livro que traz o ensaio, “Vou te dizer o que penso”. Quando pensa sua própria escrita e estilo, Didion comenta da sua dificuldade para escrever ficção, argumenta que tentou pensar e fabular, mas que não sentia propósito ou

---

coerência em fazê-lo; mesmo tendo escrito três romances ao longo de sua vida, a própria autora afirma que seus leitores não a buscavam para tal. Se posicionou enquanto uma escritora apegada e indissociada da ordenação de imagens, chegando a usar metáforas de que uma cena quando lhe chamava à escrita, possuía um contorno brilhante ao seu redor. Em outras palavras, Joan manifesta que escrever é seu modo de dar sentido a essas imagens e noções de tempo, o que para Bruno Leal, evocando Jean-François Lyotard, são os chamados saberes narrativos. Cotidianos, tais saberes “que promovem a articulação dos elementos diversos que por aí circulam, que, de alguma forma, possibilitam a integração de sujeito, mundo e experiência.” (LEAL, 2006, p. 20).

A gramática, e consequentemente as palavras, é a ferramenta que a escritora domina e explora para narrar as “imagens que brilham nas bordas” - como descreve os cenários onde ela sente a necessidade de escrever sobre. O processo da escrita nesse momento é chamado de “organização de palavras”, e Didion conta que aprendeu a fazer o trabalho rápido pelo tempo que trabalhou na Revista Vogue - presente em toda a sua carreira, inclusive na produção de textos e artigos especiais sobre a persona Joan Didion. Em um desses artigos, de 2017<sup>9</sup>, Quando questionada pela jornalista Dana Spiotta sobre possíveis rituais de escrita e se as imagens ainda brilhavam para ela, aos 82 anos, Didion diz “Certas imagens ainda brilham para mim - especialmente a Represa Hoover, mas também a praia do hotel Royal Hawaiian. A Coca-Cola gelada me mantém acordada e me lembra a Califórnia.”. Não entregou nem negou que estava escrevendo algo; permaneceu com a reputação mística associada a ela, e ressaltada por Griffin Dunne no mesmo texto.

Explorou um pouco mais desse apreço pela dimensão material e o mundo sensível no ensaio “Contar histórias”, principalmente nos momentos em que ela queria aprender a criar; escreveu sem parar e sobre tudo, tudo o que via, ouvia, lembrava e imaginava (DIDION, 2023, p.53). Parte de um aprendizado, mas também um comportamento que se repetiu em outros momentos, o conceito de olhar narrativizante engloba esse ritmo de produção escrita, onde olhar para o mundo cotidiano fazia manifesta a necessidade de um estabelecimento de ordem e sentido, e “narrar virava sinônimo de articular” (LEAL, 2006,

---

<sup>9</sup> Artigo que antecipa o lançamento do documentário *Joan Didion: The Center Will not Hold*, entrevistando Joan Didion, Griffin Dunne, o diretor, e Annabelle Dunne na casa da escritora. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/joan-didion-the-year-of-magical-thinking-vogue-october-issue-2017>

---

p.22). Sua escrita, e consequentemente sua narrativa, foi uma maneira que Joan Didion encontrou para se entender e entender sua realidade.

Se eu tivesse sido abençoada com uma via de acesso, ainda que limitado, à minha própria mente, não teria havido motivo para escrever. Escrevo exclusivamente para descobrir o que estou pensando, o que estou observando, o que eu vejo e o que isso significa. (DIDION, 2023, p.46)

Joan Didion escreveu atravessada pelos fatores sociais que a constituem, pelas interações com o sujeito leitor - ao se preocupar com para que seus leitores a buscavam; com a ordenação e produção de sentido, ao narrar sobre as imagens que via e as da sua cabeça; e com a dinâmica do processo comunicativo - ao produzir sobre o que a leva a escrever e a participar de outros tipos de produções que realizaram a tentativa de perguntá-la.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dada a proposta de analisar como Joan Didion lançou luz aos dilemas do narrar, ao falar de sua própria escrita, foi percebida uma intersecção de teorias e visões do que significa narrar, relatar e escrever. Suas percepções de si e seu hábito nem sempre eram pautadas em bases teóricas - apesar de que a escritora demonstra fascínio e apreço pelo ato de recorrer ao conhecimento e à literatura. Como evidenciado por ela mesmo, ela tentou pensar e falhou; abraçou seu trabalho de escrita como algo natural, necessário para si, e interessante para quem a lê.

Dentre os outros pontos que atravessam a discussão, e que renderia outros trabalhos mais extensos, existem também as questões de recepção e demanda, uma vez que o texto mais específico sobre o porquê de Joan Didion escrever só ter sido publicado em livro no ano de 2021, sendo que o texto data de 1976. A grandiosidade de um escritor para o público torna inevitável a pergunta de como e porquê sua escrita existe; tal qual o entendimento do processo criativo de um pintor, cantor, ou ator, é, acima de tudo, cativante, entender o que motivou sua escritora favorita a escrever um livro que mudou sua vida. O processo comunicativo envolvido num trabalho como o de Didion, é um exemplo prático da ação de “rejeitar qualquer lógica linear e verticalizada sobre o processo de produção/recepção para valorizar a dinâmica viva que constitui nosso mundo pelas narrativas que lemos e amamos.” (MANNA, 2020, p.12).

As dinâmicas dos processos comunicativos, de escritores e outros produtores de narrativa, seguem traçando encontros e desencontros nas suas motivações e dilemas, e a

---

obra de Joan Didion, tão movida pelo hábito, seguirá colocando flores na cabeças das meninas, e porquês na escrita de todos que a lerem.

### Referências bibliográficas

**A mulher que restou.** Eliane Brum. Disponível em: <<http://elianebrum.com/reportagens/a-mulher-que-restou/>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** 3ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética** ; 1ª edição, São Paulo, Editora Autêntica, 2015

DEAN, Michelle. **Afiadas: mulheres que fizeram da opinião uma arte.** 1ª Edição. São Paulo: Todavia, 2018.

DIDION, Joan. **Rastejando até Belém.** 1ª Edição. São Paulo: Editora Todavia, 2021

DIDION, Joan. Self-Respect: Its Source, Its Power. Vogue | The Complete Archive. Disponível em: <<https://archive.vogue.com/article/1961/8/self-respect-its-source-its-power>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

DIDION, Joan. **Vou te dizer o que penso.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023

ECO, Umberto. Lector in fabula: a cooperação interpretativa no texto narrativo. 1ª Edição. São Paulo, Perspectiva, 2002.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 19-27, 2006.

MANNA, Nuno, **Narrativa e a experiência do tempo histórico: uma perspectiva para a cultura das mídias contemporânea.** XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020

NEVINS, Jake. Joan Didion director: “She’s always been painted as this mystic, gloomy figure”. the Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/oct/25/joan-didion-center-will-not-hold-netflix-documentary>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

RECO S.R.O. Joan Didion, a mulher que pôs o coração num saco. Vogue.pt. Disponível em: <<https://www.vogue.pt/joan-didion-a-mulher-que-pos-o-cora-o-num-saco>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SPIOTTA, Dana ; LEIBOVITZ, Annie. Joan Didion Is Ready for Her Close-Up. Vogue. Disponível em: <<https://www.vogue.com/article/joan-didion-the-year-of-magical-thinking-vogue-october-issue-2017>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SZYMBORSKA, Wislawa. Poemas. 1ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2011

TALLÓN, Juan. **Joan Didion, la escritora de los instantes normales.** Jot Down Cultural Magazine. Disponível em: <<https://www.jotdown.es/2021/12/joan-didion-escritora-instantes-normales/>>. Acesso em: 8 abr. 2023.